

## O JOGO DISCURSIVO PRODUZINDO SUJEITO - PROFESSOR E ALUNO - NAS PRÁTICAS AVALIATIVAS EM EDUCAÇÃO

Monica Pagel Eidelwein – Suelen Assunção Santos  
[monicapagel@yahoo.com.br](mailto:monicapagel@yahoo.com.br) – [suelenassuncao@yahoo.com.br](mailto:suelenassuncao@yahoo.com.br)  
UFRGS/Brasil – UFRGS/Brasil

Tema: IV.2 Formação e Atualização de Professores

Modalidad: CB

Nível educativo: Formación y actualización docente

Palabras clave: jogo discursivo, produção de sujeitos, práticas avaliativas, educação matemática

### Resumo

*Pretende-se analisar práticas avaliativas em educação matemática sob a perspectiva foucaultiana e wittgensteiniana, visto que se fez uma aproximação conceitual entre a noção de discurso e jogo de linguagem, respectivamente de Foucault e Wittgenstein. A aproximação atualizou-se na forma nomeada de 'jogo discursivo', que guiará nosso jeito de conceber o sujeito professor e aluno produzido nestas práticas avaliativas. Primeiramente trataremos do que seja a forma nomeada 'Jogo Discursivo', para então, analisar algumas práticas avaliativas em educação matemática produzidas nesses jogos e no que elas tangenciam a produção de sujeitos – professores e alunos. Secundariamente as práticas avaliativas tomarão formas específicas, os Registros de Conselhos de Classe, Portfólios de Aprendizagens e Fichas de Diário de Classe. Essas práticas produzidas nesses jogos produzem também sujeitos, respectivamente, sujeitos professores e alunos. Os ditos e escritos destes sujeitos professores e alunos comporão um emaranhado de discursos, em que estes mesmos estão enredados. Finalmente, os jogos discursivos da contemporaneidade nos permitem ampliar o olhar sobre a avaliação em educação matemática, e colocar visibilidade em pontos singulares deste mecanismo complexo para potencializar o dizível. O que é dito nas práticas avaliativas será considerado como o modo de se produzir sujeitos, no caso deste artigo, sujeitos professores e alunos.*

*Palavras-chave- praticas avaliativas, jogo discursivo, jogo de linguagem, discurso.*

### Introdução

Pretende-se analisar as práticas avaliativas em educação matemática sob a perspectiva foucaultiana e wittgensteiniana, visto que se fez uma aproximação conceitual entre a noção de discurso e jogo de linguagem, respectivamente de Michel Foucault e Wittgenstein. A aproximação conceitual atualizou-se na forma nomeada de “jogo discursivo” que guiará nosso jeito de conceber o sujeito professor e aluno produzido nestas práticas avaliativas em educação matemática.

Entender tais práticas como um jogo discurso nos permite ampliar o olhar sobre a avaliação. Esquemáticamente, num primeiro momento trataremos do que seja o ‘Jogo Discursivo’, para então, analisar algumas práticas avaliativas em educação matemática produzidas nesses jogos e no que elas tangenciam a produção de sujeitos – professores e alunos. Será uma tríplice análise teórica: jogo discursivo, prática avaliativa e produção de sujeitos.

### **Atualização do Discurso e dos Jogos de Linguagem: jogo discursivo**

Busca-se na perspectiva wittgensteiniana, a noção de jogo de linguagem, na qual ele tinha o entendimento da linguagem como atributiva, sustentando a ideia de não haver qualquer correspondência estrita entre as palavras e as coisas, entretanto, entendendo que era pela linguagem que as coisas ganhavam sentido (VEIGA-NETO, 2005 a).

Consideram-se as diferentes situações de emprego das palavras ou expressões. Esse aspecto pragmático, “presente no uso cotidiano que fazemos das expressões [gestos] em diferentes situações e contextos” (CONDÉ, 1998, p.91), é o sustento de uma posição totalmente contrária à concepção essencialista da linguagem, “uma vez que a significação é construída pelo uso, modificando-se a cada uso que dela fazemos, ela não traz em si uma essência invariável” (CONDÉ, 1998, p.90). Ainda vale dizer que, para o autor, os usos não são aleatórios, eles seguem determinadas regras e para que haja a compreensão de uma regra, é preciso que seus critérios sejam públicos, sendo a partir daí que ela passa a fazer sentido e, desse modo, acaba por constituir padrões de correção.

Wittgenstein refere-se ao jogo de linguagem como o conjunto da linguagem e também das atividades com as quais ela está interligada (WITTGENSTEIN, 1999). Ele mostra que falar uma língua faz parte de uma atividade que é guiada por regras. Nessa perspectiva, os jogos só têm sentido pelas atividades que constituem, e essas atividades são comunitárias. Desse modo, se para Wittgenstein os jogos são ligados às atividades, para entendê-los, é necessário conhecer o ambiente, o que se deu antes e depois, a situação, pois é dessa maneira que se torna possível entender o sentido desse jogo de linguagem.

Assim como a linguagem, o discurso também não é entendido a partir de uma visão tradicional. Nesse sentido, nada estaria do lado de fora do discurso, já que a realidade é discursivamente construída. Desse modo, o discurso é entendido como uma prática discursiva, ou seja, “como um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definem em uma época dada, e para uma área social, econômica e geográfica ou linguística dada, as condições da função enunciativa” (FOUCAULT, 2002, p.133). No discurso estão contemplados outros aspectos, tais como a produção de condutas e comportamentos, a mobilização e fabricação de verdades.

Algo é particularmente interessante nas teorizações foucaultianas, sustentando os trabalhos do filósofo em termos discursivos, que é “o estudo do que as regras, ao mesmo tempo, autorizam e proibem, isto é, as relações de poder que entre elas se estabelecem” (BELLO,

2010, p. 560), controlando, seleccionando, regulando, organizando e distribuindo tudo aquilo que pode ser dito, estabelecendo o que é verdadeiro e separando-o daquilo que é falso. Isso é assim porque os discursos definem regimes de verdade que balizam e separam o verdadeiro do seu contrário (FOUCAULT, 1998).

Tendo desenvolvido a noção de jogo de linguagem e seu caráter regrado e de discurso como instituidor de práticas, considero ser preciso, ainda, operar com outra noção, que possa situar-nos, como sugere Bello (2010), dentro de uma teorização de caráter social. Falamos da noção de jogo discursivo. Isso se faz necessário porque, “num ato pedagógico, estão imbricados, além das questões lingüísticas, os saberes, os aspectos institucionais em que ele [o ato pedagógico] acontece, bem como as exigências econômicas imediatas e as urgências políticas a que deve responder” (BELLO, 2010, p.560).

É possível se dizer que os jogos discursivos, fabricam determinados tipos de práticas, que são sociais e regradas. As regras dos jogos, ao serem tomadas como verdades, indicam como professores que ensinam Matemática devem conduzir-se. A partir desses jogos, selecionam-se e articulam-se determinados tipos de saberes, e impõem-se práticas avaliativas em educação matemática.

Desse modo, ao aproximar o conceito de jogos lingüísticos de Wittgenstein ao conceito de discurso de Foucault, torna-se possível atualizá-los na forma nomeada de ‘jogo discursivo’, mantendo a ideia de atividade regrada contida no jogo lingüístico de Wittgenstein, porém acrescentando a discussão sobre relações de força, de algumas discussões de Foucault.

Para se entender o jogo discursivo da contemporaneidade, não é suficiente dizer que é um discurso, nem apenas olhar para suas regras enquanto jogo. Faz-se necessário perceber as práticas que as regras desse jogo produzem. Olhamos inicialmente para o jogo discursivo da contemporaneidade procurando conhecê-lo, buscando sua expressão ou materialidade nas enunciações teóricas. A produção de saberes desse jogo discursivo produz formas de avaliar em Matemática. Isso ocorre quando tais saberes são tomados como verdade, o que acaba por constituir formas de ser professor e de ser aluno,.

Assim como a percepção das regras do jogo se dá na realização das práticas, é a partir das práticas que o indivíduo perceberá, além das próprias regras desse jogo, aquilo que elas interdita ou que elas possibilitam circular.

### **Práticas avaliativas em educação matemática produzidas nos jogos discursivos da contemporaneidade**

As práticas avaliativas em educação matemática produzidas nos jogos discursivos da contemporaneidade serão destacadas por três eixos: os portfólios de aprendizagem, os conselhos de classe e as fichas de diário de classe. Estes eixos de práticas avaliativas se constituíram em meio a pesquisas (SANTOS, 2009) (EIDELWEIN, 2012) e que visavam atender distintos questionamentos, mas que se interseccionavam pelo conceito de ‘jogo discursivo’, pois seguem mantendo a ideia de atividades regradas em meio a práticas de relações de poder.

É necessário destacar que o Portfólio de Aprendizagens é um instrumento de avaliação constituído para autoavaliar professores que ensinam matemática, no caso, pedagogos. E os Conselhos de Classe e as Fichas de Diário de Classe são instrumentos de avaliação constituídos para avaliar alunos da educação básica, mas postos em funcionamento por professores que ensinam matemática.

O jogo discursivo a que todos estes instrumentos de avaliação estão convergindo, e que chamamos de jogo discursivo da contemporaneidade, é aquele que visa trazer a vida, as experiências e a cultura do aluno para dentro da sala de aula e que acaba sendo um saber útil para a individualização e a diferenciação da avaliação na Matemática a partir das necessidades de cada um. Fica evidenciado o lugar central que o aluno passa a ocupar na organização da própria proposta escolar e, em especial, da avaliação, sendo suas necessidades e particularidades que definirão a ação do professor. A ideia de partir da necessidade dos alunos naturaliza-se e é tomada como verdade pelos professores, direcionando suas práticas avaliativas. Assim, está estabelecido como regra que deve se avaliar a tudo e a todo o momento; para isso, o professor deve realizar uma avaliação diferenciada e individualizada, de acordo com as necessidades de cada aluno: evidenciando-se a avaliação como um processo constante que direciona as práticas escolares.

Nas práticas avaliativas em Matemática que apresentaremos a seguir, o jogo discursivo da contemporaneidade está presente quando consideram importante que atividades cotidianas vivenciadas em outros espaços sejam valorizadas em prol da avaliação do aluno. Ao serem guiados pelas regras do jogo discursivo da contemporaneidade de “individualizar e diferenciar a avaliação de acordo com as necessidades de cada um” e considerando que há diferentes indivíduos a incluir e que cada um apresenta necessidades específicas, parece-nos que as práticas avaliativas precisam ser cada vez mais flexibilizadas, na tentativa de abarcar todos esses indivíduos.

Trouxemos estes entendimentos sobre o que chamamos de jogo discursivo da contemporaneidade, porque eles estão em concordância com a compreensão da racionalidade atual do neoliberalismo. Para Lopes, este pode ser entendido, assim como o liberalismo, “como conjunto de práticas que constituem formas de vida, cada vez mais conduzidas para os princípios de mercado e de auto-reflexão, em que os processos de ensino e de aprendizagem devem ser permanentes” (LOPES, 2009, p. 154). Nessa mesma direção, Castro argumenta que “o neoliberalismo busca entender a racionalidade do mercado como critério para além do domínio da economia (à família, à natalidade, à delinquência ou à política penal)” (CASTRO, 2009, p. 244).

Na lógica neoliberal, uma das regras é que precisamos estar sempre em atividade. “Não é permitido que ninguém pare ou fique de fora, que ninguém deixe de se integrar nas malhas que dão sustentação aos jogos de mercado” (LOPES, 2009, p. 155). É a sustentabilidade, o empresariamento e o autocontrole operando nesta lógica.

Pensamos que todas as práticas avaliativas que apresentaremos a seguir, colocam em funcionamento formas de ser e de agir que acabam por levar ao empresariamento, a autovigilância e ao autocontrole (do aluno e do professor), portanto, estão em consonância com a governamentalidade neoliberal.

Vejamos as práticas avaliativas e suas convergências em relação ao jogo discursivo da contemporaneidade, imersos na nova lógica da racionalidade neoliberal.

i) O Portfólio de Aprendizagens constitui-se por um documento que deverá ser construído por meio do acúmulo de descrições das aprendizagens “significativas” dos alunos em formação superior, em cada uma das disciplinas que compõem os semestres, e deverá ser produzido individualmente: será um documento que persistirá até o final do curso de pedagogia a distância. Foi decidido pelo PEAD (Pedagogia a Distância) que o Portfólio seria construído por meio de um *blog* (página na Web).

Os autores destacam que, “[...] em geral, o Portfólio educacional é uma produção intelectual, relativamente curta, que mostra, de forma sucinta e substantiva, o professor como sujeito reflexivo e construtor da sua experiência pedagógica.” (CARVALHO E PORTO, 2005, p. 15).

**Prática X Teoria de uma Professora-Aluna 29/05/2008**

Procuro sempre ter posturas distintas em relação a tudo que nos é oferecido no PEAD. Existem momentos em que sou *aprendiz*, preciso manter meu interesse e concentração na realização das atividades propostas, refletindo sobre elas para construir novas aprendizagens e, em outros momentos sou *professora*, devo estar atenta e perceber as

possibilidades didáticas implícitas nos fatos do dia-a-dia, repensá-las e adaptá-las a minha prática de educadora.

<http://peadportfólio164275.blogspot.com/2008/05/prtica-x-teoria-de-uma-professora-aluna.html><sup>1</sup>

Percebe-se, assim, que a lógica do autocontrole e da vigilância constante estão presentes nesta prática avaliativa, e atualizam-se por meio da autorreflexão que funciona como um mecanismo que pretende que os alunos permaneçam em constante avaliação. Atrelado a isso, o ambiente blog que é público – há uma vigilância quanto aos ditos e escritos destes futuros professores frente à comunidade formadora.

ii) Os Conselhos de Classe são muito oportunos para ver as práticas avaliativas dos professores que ensinam Matemática, pois é o lócus institucionalmente definido para que essa questão seja discutida coletivamente pelo grupo de professores. Os diversos registros escritos desses Conselhos compõem os ditos sobre: o perfil da turma feito por cada professor conselheiro e discutido por todos os professores no Conselho de Classe, planilha de cada turma com registros sobre todos os alunos, planilha individual de cada aluno com registros detalhados de cada um, na qual consta a dificuldade, o que já foi feito para recuperar essa dificuldade e o que se pode fazer.

É difícil avaliar. Realiza contagem até o 20, mas não tem noção de quantidade. Trabalho com bastante material concreto, mas, no dia seguinte, não lembra mais... Que avaliação a gente faz? Não dá para fazer um parecer escrito e não colocar nota? Fiz revisão de tabuada, todos trabalharam multiplicação e, com ele, fiz contagem de material concreto, está dentro do assunto. No parecer dele, vou colocar o que ele consegue para não ficar tão ruim. (Conselho de Classe 3 - 6º ano D - 9 anos - Prof. 4)<sup>2</sup>

Nas condutas dos professores, na forma como avaliam em Matemática, enfim, nas suas práticas avaliativas, estão em funcionamento as regras instituídas pelo jogo discursivo da contemporaneidade, qual seja, a individualidade e a flexibilidade da avaliação.

iii) As Fichas de Diário de Classe são componente avaliativo complementar aos Conselhos de Classe. Existem as Fichas de Acompanhamento da Turma que contém o nome de cada aluno na primeira coluna e um espaço para observações gerais na segunda; e as Fichas de Acompanhamento do Aluno a qual contém, na primeira coluna as dificuldades; na segunda, a questão: “o que já foi feito para recuperar suas dificuldades?”; e, na terceira: “o que podemos fazer?”.

Entre as respostas encontradas nessas fichas de registro dos Conselhos de Classe que falam do encaminhamento a outros profissionais, aparecem as seguintes observações: “reforço em Matemática”, “laboratório de aprendizagem”, “oficina de Matemática”, “Mais Educação –

<sup>1</sup> SANTOS, 2009.

<sup>2</sup> EIDELWEIN, 2012.

Matemática”, “atendimento psicológico”, “encaminhamento para neurologista”, “acompanhamento com fono”, “Conselho Tutelar”, entre outras.

Com efeito, os alunos estão em permanente vigilância, especialmente aqueles com dificuldade ou, como diria Arnold (2007), aqueles em “estado permanente de corrigibilidade”, movimentando-se constantemente entre os espaços educativos e terapêuticos, onde inúmeros especialistas dão conta de atendê-los com procedimentos diversos.

Conhecer esses sujeitos, colocá-los em estado de vigilância constante, corrigi-los, conduzir suas condutas, possibilita normalizá-los: o que é próprio da lógica do jogo discursivo da contemporaneidade: é a racionalidade neoliberal posta em movimento nas práticas avaliativas.

### **Para finalizar**

Buscamos, no decorrer deste texto, compor a atualidade do conceito de jogo discursivo para que outras possibilidades investigativas frente às práticas avaliativas emergjam.

O jogo discursivo da contemporaneidade é aquele que visa a educação para todos, que propõe uma avaliação constante, e que tudo deve ser avaliado a todo o momento, ou seja, uma diferenciação e individualização da avaliação, contemplando, assim, as necessidades de cada um. É a atualização da racionalidade neoliberal em meio às práticas avaliativas, o autocontrole, o empreendedorismo, a vigilância constante.

Nas práticas avaliativas observadas, quais sejam, os Portfólios de Aprendizagem, os Conselhos de Classe e as Fichas de Diário de Classe, há uma vigilância externa que busca ser interiorizada, instituindo um modo de ser bom aluno. Ao internalizar uma conduta, o indivíduo passa a ser tido como responsável por si, havendo o empresariamento de si, o que é próprio da sociedade de controle.

Os Portfolios de Aprendizagem mostram que a autorreflexão opera em prol de uma vigilância constante de si, uma constante avaliação. Os Conselhos de Classe mostram que nas condutas dos professores e nas suas práticas avaliativas, estão em funcionamento as regras instituídas pelo jogo discursivo da contemporaneidade, qual seja, a individualidade e a flexibilidade da avaliação. No caso das Fichas de Diário de Classe a intenção e conhecer os sujeitos, colocá-los em estado de vigilância constante, corrigi-los, conduzir suas

condutas, possibilita normalizá-los: o que é próprio da lógica do jogo discursivo da contemporaneidade.

Os saberes que emergiram das praticas avaliativas não só funcionam como regras do jogo discursivo da contemporaneidade instituindo práticas, como essas mesmas práticas constituem, sustentam, questionam e fazem movimentar tais jogos discursivos, os reatualizando.

### Referencias bibliográficas

- Bello, S. E. L. (2010) Jogos de Linguagem, Práticas Discursivas e Produção de Verdade: contribuição para a educação (matemática) contemporânea. Zetetikê, Campinas, v.18, Número Temático, p.545 – 587.
- Carvalho, M. J. S. (2005); PORTO, Leonardo Sartori. Portfolio de Aprendizagem: proposta alternativa de avaliação: guia didático. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Castro, E. (2009) Vocabulário de Foucault: um percurso sobre seus temas, conceitos e valores. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Condé, M. L. L.(1998) Wittgenstein: linguagem e mundo: uma trajetória filosófica. São Paulo: Annablume.
- Eidelwein, M.P. (2012) O jogo discursivo da inclusão: praticas avaliativas de in/exclusão na Matemática escolar. Tese de Doutorado, PPGEDU/UFRGS. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49408/000836461.pdf?sequence=1>
- Foucault, M. (1970). A Ordem do Discurso: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura F.A. Sampaio. Campinas: Loyola, 1998.
- Foucault, M. (2002). A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Lopes, M. C. (2009) Inclusão como prática política de Governamentalidade. In Inclusão Escolar: conjunto de práticas que governam. Lopes, Maura Corcini e Hattge. Morgana Domênica. (Orgs). Belo Horizonte, Autêntica Editora. p. 107 – 130.
- Santos, S. A. (2009). Experiências narradas no ciberespaço: um olhar para as formas de se pensar e ser professora que ensina matemática. Porto Alegre, 2009. 123 f. + Anexos + CD. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Veiga-Neto, A. (2005). Foucault e a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2005a.
- Wittgenstein, L. (1999). Investigações Filosóficas. 4 ed.. São Paulo: Nova Cultural, (Col. Os Pensadores), 206p.